



## XXII FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO

## CRÍTICA

## Curta-metragem

# Musika vale pelo elenco sofisticado

Celso Araújo

O filme "Musika" de Rafael Conde é o típico filme enigmático que deixa qualquer platéia perplexa. Baseado em Wedekind, o paulista Rafael Conde trabalha sobre a excelente trilha sonora de Wilson Sukorski e tem a felicidade de dirigir dois excelentes atores. Bete Coelho, a musa de Gerald Thomas, aparece no filme completamente diferente da imagem que a consagrou no teatro. Mas o seu corpo de nervos agudos, de movimentos crispados, de gestos ambíguos, pontua o filme com reconhecida elegância. Abujamra, uma figura estranha que nem mesmo uma novela de televisão como "Que Rei Sou Eu?" conseguiu vulgarizar, oferece o contraponto para o rosto indecifrável de Bete Coelho.

Mas a solução para os diálogos do filme, mudos e escritos em letreiros, acaba comprometendo o andamento de "Musika", tornando-a algo infantil em sua pretensa vontade de criar o mistério.

"Musika" vale pela sobriedade



Bete Coelho no curta de Conde, com seu corpo de nervos agudos, pontua o filme com elegância

com que registra a presença de Bete Coelho. O cinema brasileiro negligenciou durante muitos anos o trabalho dos nossos melhores intérpretes do palco. Cacilda Becker aparece uma única vez em cena no romântico "Floradas na Serra". Fernanda Montenegro teve apenas oportunidade

em "Tudo Bem" e "A Falecida". Paulo Autran e Glaucê Rocha em "Terra em Transe" e são poucos os nossos intérpretes geniais que puderam se immortalizar nas imagens de um bom filme.

Por isso, o filme de Rafael Conde, que não é frio mas também não é

quente, tem a sua importância e pode abrir um filão maravilhoso para experiências ficcionais mais radicais. E Bete Coelho, para quem ainda não viu nos palcos, está lá, com suas enervantes ambigüidades, seu rosto que promete um crime e suplica um amor.

## CRÍTICA

## Trilha

Guilherme Vaz

Especial para o JBr

# Bum! O ruído chega à tela do cinema

Bum! A integração do ruído na trilha como elemento de criação e não como elemento de narração é coisa recente. Muito pouco tempo atrás o ruído ilustrava a imagem com total submissão. Aliás há pouco tempo atrás um filme como um todo era apenas a ilustração de um roteiro

que por sua vez era composto de intermináveis bla-bla-blas horizontais de baixíssimo significado e de um nível de interesse zero ou beirando a zero (menos na cabeça do produtor ou do diretor), o cinema era contra a sua própria natureza horrendamente verbal e discursivo. Era um monumental aparato montado estritamente para nos contar histórias através de bla-bla-bla e da verbalização dura e impostada dos atores, tudo o mais era acessório, música, fotografia ambiente, cenografia e inclusive o diretor. E o cinema do discurso pesado e letal que ainda hoje é praticado por alguns tagarelas. E como eles gostam de frequentar o território do cinema! Nascido no bojo de uma cultura protestante onde o discursivo impera e onde o racionalismo e as ideologias matem cadeiras cativas em todas as suas áreas de expressão e output o cinema herdou delas o vício da submissão ao verbo. Não ao Verbo. Centenas de histórias que não fariam nenhum sucesso nem nos mais indigenes pocket books foram contadas pa-

ra todos nós ao custo de milhares e algumas de milhões de dólares. Pura velhacaria. As culturas latinas menos narrativas e mais inspiradas ficaram por baixo. Ou passaram a produzir simiesca camente um sub - cinema do discursivo. Produzimos até o milagre de um cinema americano anti - U.S.A. e de esquerda. Pasmem Senhores! O cinema - jazz onde o roteiro é um tema para improvisação é uma invenção mais recente. E deste cinema o extraordinário e mal compreendido Glauber Rocha é um pioneiro fundamental. Melhor do que maioria do cinema brasileiro o cinema do Sr. Rocha inaugurou o cinema da poética, reciclou a linguagem, afinou o cinema na sua própria direção, abriu alternativa no cinema dominante discursivo. Graças a Deus. O caminho está aberto. Anda nele quem quiser e neste quem quiser o cidadão denominado poucos. Estes Poucos praticam cinema. Sem querer botar excessivamente a minha mão no fogo eu poderia dizer que os filmes "Musika" de Rafael Conde e "Lili a Estrela do

Crime" de Lui Farias pratica um cinema onde o narrativo não domina e onde conseqüentemente a linguagem tende a brilhar. As trilhas sonoras trabalham como personagens o ruído participa da música (do Som) e produzem uma forte aceleração do interesse pelo filme. Em "Lili" a supervalorização do ruído das coisas atinge momentos brilhantes como na seqüência do telefone-terremoto. Brilhante. A música viaja com extrema liberdade e não se submete à imagem, criando tensões e balançando o coreto da preguça mental e das associações baratas. Algumas canções de consumo - cheap stuff-usadas na colagem da trilha são muito chatas. O tv-piratismo da música às vezes enche. O que existe de muito bom na trilha está no ruído. Nisto este filme constela um avanço na linguagem. Em "Musika" o trabalho eletro acústico de Wilson Sukorski cria uma boa parede sonora para que a imagem possa criar um estranho "Cuntrapunto Bestiale Alla Mente" com o som. É inte resante.

## Opinião



□ João Antônio, Ator e professor de teatro da UnB: **O Festival começou bem, mostrando a cara do Brasil com todas as suas feridas. "Avenida Brasil" é um filme forte que ainda consegue ter humor. A música é extremamente adequada. No final da sessão me deu vontade de cantar "Lulá-lá".**



□ Luiz Humberto, Chefe do Departamento de Comunicação da UnB: **Achei o filme ótimo. É um filme que fala do que é o Brasil hoje. Mostra a voracidade, o desrespeito à condição humana.**



□ Pedro Anísio, Cineasta: **É o retrato do dia-a-dia da avenida. É um filme que todo cineasta gostaria de fazer, um plantão de polícia feito por uma câmera de cinema. Ele resolve dois defeitos do gênero: aboliu o plano-sequência e o som é determinante.**



□ Tereza Rollemberg, Atriz: **Achei o filme bom. Mas é muito deprimente. Dá uma tristeza horrível na gente. É sentir o país que a gente vive. Fiquei curiosa para saber como o diretor conseguiu filmar cenas tão violentas.**



□ Ézio Pires, Jornalista: **Achei o filme "Avenida Brasil" regular. Ele repete muitos outros filmes. Parece uma reportagem policial, lembra até o filme "Pixote". O filme, na minha opinião, tem um maniqueísmo já superado. Além disso, é muito repetitivo.**

Foto: Mia Pirelli